

## ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (ABRIL DE 2013)

Com base na amostra representativa da IACA (atualmente 19 empresas, devido à saída de uma associada da IACA, com algum impacto, apesar de reduzido, nos alimentos para aves, o que significa que o peso da amostra é agora de cerca de 75% da produção associada), constata-se que **em abril de 2013** a produção se situou em 180 908 toneladas contra as 183 558 tons produzidas em abril de 2012, o que representa uma quebra de 1.4% relativamente ao período homólogo do ano passado, na linha do mês anterior, embora com menor expressão, já que significa uma diminuição de cerca de 2 600 toneladas.

Trata-se da nona variação negativa consecutiva, ou seja, desde agosto de 2012 que a produção de um mês não é igual ou superior à do seu homólogo do ano anterior, o que constitui, naturalmente, motivo de grande preocupação para todos nós e a pecuária em geral e, conseqüentemente, para a economia nacional, como temos vindo a acentuar junto do Governo em todas as reuniões e ações públicas que temos realizado. E já insistimos por diversas vezes nestes fóruns e continuaremos a reforçar a mensagem de que **não basta promover as exportações, há que criar condições para que o mercado interno funcione já que este é, sem margem para dúvidas, o grande mercado para as nossas empresas.** E não só em Portugal mas igualmente ao nível da União Europeia, sobretudo nos países do Sul. Crescimento, emprego e menos austeridade; mais equidade nas relações comerciais entre a Europa e o resto do Mundo, sobretudo ao nível das regras que são impostas às produções europeias e aos produtos importados de Países Terceiros.

De facto, em abril, comparativamente a igual período de 2012, assistimos a uma quebra nos alimentos compostos para animais em bovinos (-7.0%), suínos (-8.9%) e outros animais (-3.7%) que não foi compensada pelo crescimento nos alimentos para aves (6.2%), sobretudo ao nível do frango. No entanto, a desaceleração aparente das reduções que temos vindo a sentir (-1.4% em abril) ficam a dever-se a um maior número de dias de fabrico (21 em 2013 contra os 20 de 2012). Extrapolando estes elementos para a “realidade” do mercado, teríamos não a redução de -1.4% mas uma quebra de 6.1%, o que parece traduzir melhor a conjuntura em que vivemos atualmente. Também por isso, o mês de abril foi melhor que o março de 2013, com um crescimento de 4.7%, contrariamente às tendências de 2012 e 2011.

Seja como for, com mais ou menos dias de fabrico nestes quatro meses, e apesar dos “cuidados” que devemos ter nas evoluções e comportamentos das empresas dentro da amostra – que aqui temos relatado, sendo por isso do conhecimento de todos -, “os dados estão lá” e refletem as dificuldades das empresas e a situação muito difícil em que vivemos: os preços das matérias-primas, apesar das previsões de maior oferta nos mercados mundiais e produções recorde, não baixam e estamos espartilhados entre o “oligopólio” dos fornecedores de matérias-primas e os fundos de investimento que especulam, retêm mercadorias, todos os dias explicam os movimentos (especulativos) das bolsas, a volatilidade, e “o oligopólio” da grande distribuição organizada que, esmaga margens e, em nome dos consumidores, tudo lhes é permitido. Em Bruxelas e um pouco por toda a Europa, este modelo vai sendo alimentado, apesar de ser evidente que nos vai levar à ruína e das tentativas que “parte da Comissão” e a DG AGRI e alguns deputados do Parlamento Europeu vão fazendo para uma maior regulação, numa Europa, cujos políticos parecem querer mais desregulação e liberalismo. E numa altura em que tudo é cada vez mais global e a União Europeia tem

cada vez menos peso específico à escala mundial, como sair deste ciclo depressivo, sobretudo quando há países, emergentes, que ainda conseguem comprar as matérias-primas aos preços “de mercado” e se acredita que os mercados, tudo resolvem?

Em Portugal, tudo é ainda mais difícil. Quando se anuncia mais economia e políticas de promoção do crescimento económico, as Finanças não permitem, sucedendo-se os cortes, o aumento de impostos, a perda de poder de compra e o desemprego, com níveis históricos. A economia portuguesa recuou 3.9% no primeiro trimestre, justificando-se esta degradação pela quebra do consumo interno e do investimento, sobretudo ao nível do setor da construção. Pela positiva, temos uma diminuição das importações e um comportamento positivo das exportações. Recorde-se que as previsões da Comissão e da *Troika* apontam para uma redução do PIB em 2013, de 2.3% mas o problema é que com a despesa a não diminuir e as receitas em quebra, não se vislumbra como sair daqui? Pode ser que, com a Europa em contração há dois trimestres seguidos alguma coisa mude em Bruxelas, ou na Alemanha.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos  
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	<b>Abril 2012</b>	<b>Abril 2013</b>	<b>Varição (%)</b>
AVES	80 959	85 991	6.2
BOVINOS	42 549	39 590	-7.0
SUINOS	48 489	44 197	-8.9
OUTROS	11 561	11 130	-3.7
<b>TOTAL</b>	<b>183 558</b>	<b>180 908</b>	<b>-1.4</b>

**Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro**

	Toneladas			
	<b>2011*</b>	<b>2012*</b>	<b>2013</b>	<b>VAR%2013/12</b>
JANEIRO	180 964	193 948	178 276	-8.1
FEVEREIRO	172 808	185 985	161 491	-13.2
MARÇO	198 461	198 516	172 802	-13.0
<b>ABRIL</b>	<b>179 066</b>	<b>183 558</b>	<b>180 908</b>	<b>-1.4</b>
MAIO	195 260	194 486		
JUNHO	199 816	178 912		
JULHO	194 498	196 528		
AGOSTO	204 199	193 910		
SETEMBRO	202 364	162 648		
OUTUBRO	201 030	192 497		
NOVEMBRO	206 567	185 236		
DEZEMBRO	196 063	176 268		
<b>TOTAL</b>	<b>2 331 096</b>	<b>2 242 492</b>	<b>693 477</b>	<b>-9.0</b>

\*Dados relativos à nova amostra representativa

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos  
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	<b>JAN-ABR 2012</b>	<b>JAN-ABR 2013</b>	<b>VAR %</b>
AVES	325 645	325 352	-0.1
BOVINOS	176 153	152 352	-13.5
SUINOS	209 873	171 325	-18.4
OUTROS	50 336	44 448	-11.7
<b>TOTAL</b>	<b>762 007</b>	<b>693 477</b>	<b>-9.0</b>

**Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies**

	1000 TON							
	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2012	2013	2012	2013	2012	2013	2012	2013
JANEIRO	81	80	44	40	57	48	13	12
FEVEREIRO	79	76	43	35	52	40	12	10
MARÇO	85	84	47	37	53	41	14	11
<b>ABRIL</b>	<b>81</b>	<b>86</b>	<b>43</b>	<b>40</b>	<b>48</b>	<b>44</b>	<b>12</b>	<b>11</b>
MAIO	88		43		51		13	
JUNHO	84		40		45		11	
JULHO	93		45		47		12	
AGOSTO	90		45		48		11	
SETEMBRO	75		38		41		9	
OUTUBRO	85		45		51		11	
NOVEMBRO	82		43		49		11	
DEZEMBRO	81		39		46		11	
<b>TOTAL</b>	<b>1004</b>	<b>326</b>	<b>515</b>	<b>152</b>	<b>588</b>	<b>173</b>	<b>140</b>	<b>44</b>

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos. Para 2012, os dados da amostra foram reformulados, tendo em conta a saída de uma empresa

Neste quadro, de grande pessimismo e acrescida preocupação, foram 3 (2 no mês de março, se bem que existam outras relativamente estáveis, ainda que em quebra) as empresas que apresentaram, nestes quatro meses de 2013, produções mais elevadas que no ano anterior e que representam cerca de 26% da produção da amostra (22% em 2012). Com os dados de abril, a produção acumulada passou de -11.4% para -9.0% mas é importante salientar que durante estes 4 meses, os dias de fabrico foram diferentes (85 dias em 2012 e 82 dias em 2013) pelo que a diminuição, extrapolando-se estes dados é de

-5.7% (uma média diária de 8 960 tons em 2012 contra os atuais 8 450 tons em 2013, dentro do universo da amostra) produzindo-se uma média cerca de menos 500 tons/dia relativamente ao ano passado.

Por outro lado, ao nível do chamado “**mercado livre**”, registou-se, em abril, uma redução de 4.3%, contra a quebra global de 1.4% já referida e um acumulado de -13.4%, diretamente ligada à diminuição da produção de alimentos compostos para ruminantes e contrariamente à tendência do ano passado. Dentro da nossa amostra, este segmento de mercado representou, neste quadrimestre, 39.5% da produção, contra os 41.5% de 2012. Uma perda de cerca de 42 300 tons no período de janeiro a abril.

Relativamente aos **mercados pecuários**, na **avicultura**, os preços do frango apresentam cotações de 1.00 €/kg de peso vivo e os ovos entre os 0,48 e 0,63 €/dúzia, o que representa uma tendência de quebra face aos dois meses anteriores. Se no caso do frango, denota-se alguma melhoria conjuntural, nos ovos, depois do período “áureo” decorrente das normas do bem-estar animal e da escassez de oferta, regressa o cenário de pessimismo.

Nos **bovinos**, depois da tendência de quebra, regressa a manutenção, com os novilhos e novilhas cotados em 4.15 €/kg carcaça e as vacas nos 2.90 €/kg carcaça. A oferta de animais continua escassa mas a procura também não dá sinais de subida, indiciada pelo número de abates inferior a igual período do ano passado, o que se prende naturalmente com a redução do poder de compra dos consumidores. No setor do **leite**, mantêm-se o clima de pessimismo, com baixos preços na produção. Apesar das perspetivas positivas da parte de Bruxelas, o facto é que nada acontece de relevante e multiplicam-se as preocupações perante os resultados da reforma da PAC, designadamente com o fim das quotas e o processo de convergência (interna) das ajudas diretas. Um processo que deverá ficar terminado até final de junho de 2013, durante a Presidência da Irlanda. Por ora, as ações no terreno estão centradas nos contratos entre compradores e vendedores, que podem servir de exemplo para outros sectores. Nos **suínos**, depois das quebras das últimas semanas, contrariando as perspetivas otimistas de Bruxelas, assistindo-se à manutenção de preços na Bolsa de 16 de maio. A instabilidade climática tem prejudicado os “churrascos” e, conseqüentemente, o aumento da procura, enquanto ao nível do mercado externo, os problemas com a Rússia têm criado obstáculos ao nível das exportações. Apesar de tudo isto, os operadores estão moderadamente otimistas, talvez porque todos estamos esperançados numa baixa dos preços das matérias-primas ou numa melhoria dos preços dos produtos animais. O problema está em saber quando?

Nas **matérias-primas**, as tendências são de subida, dos cereais e dos bagaços de soja, bem como da soja integral e em Portugal a situação é ainda mais complicada devido à debilidade de alguns operadores e do nosso mercado. A proteína (ou o elevado deficit) é uma questão ainda mais delicada e as previsões de quebra de preços decorrente do aumento da oferta continuam a ser uma miragem. Sem podermos repercutir os preços nos custos de produção e estes no consumidor final, produzir produtos pecuários na Europa é cada vez mais difícil e insustentável. Talvez a reforma da PAC traga alguma luz a este problema que vai ser, aliás, o tema central do Congresso da FEFAC, de 5 a 8 de junho, um momento ideal para que a Indústria faça ouvir a sua voz (uma vez mais) junto dos decisores políticos europeus. Se todos estamos do mesmo lado, se a pecuária é hoje uma Indústria de Fileira, desde as matérias-primas (agricultores incluídos) até ao consumidor, a quem interessa este “*statuos quo*”? E se um dia não existir produção pecuária na União Europeia ou se ela desaparecer nos países do Sul? Vale a pena uma reflexão sobre esta perspetiva....